



Damasco

**Josiel
Vieira**

**Ciberfil
Literatura
Digital**

Numa das imensas garagens subterrâneas do Departamento de Polícia do Condomínio Fechado, alguns tripulantes foram chamados para a frente de uma viatura. O comandante do veículo já estava lá.

— Atenção, pessoal, eu sei que vocês até agora só treinaram em simuladores. O fato de estarem aqui, diante de um veículo desses, só representa uma coisa, e é exatamente o pior que vocês estejam imaginando: vamos partir numa missão de verdade na periferia.

Um temor percorreu os olhos assustados da tripulação.

— O quê?! Uma missão terrestre de verdade na periferia?! Está louco, cara?!

— Estamos fodidos. Cara, estamos fodidos!!

O comandante Saulo encarou sua tripulação. A moça desesperada era especialista em artilharia. O moleque cuidava da robótica; o que parecia um roqueiro era o piloto e o com cara de nerd era o agente de telecomunicações.

— E quando vamos partir, comandante?

— Agora mesmo. Comecem a entrar nas escotilhas!

Eles começaram a entrar na viatura V-22. Ao embarcar, o piloto comentou sorrindo para o agente de telecomunicações:

— Que pena, cara... você vai morrer sem nunca ter dado uma...

Cada um ocupou seu posto dentro da viatura. Nas telas holográficas de todos só aparecia a seguinte mensagem:

BOM DIA, ADORÁVEL POLICIAL,

QUEIRA POR FAVOR COLOCAR

AS LENTES DE COMBATE
EM SUAS RETINAS
PARA DAR PROSSEGUIMENTO
À MISSÃO

— Ponham suas lentes de combate – o comandante ordenou — lembrem-se que todo equipamento policial só funcionará do lado de fora do condomínio se estiverem com as lentes de combate nos olhos. E tudo o que vocês estiverem vendo e fazendo será transmitido, via-satélite, das lentes para o computador central do Departamento de Polícia. Portanto, nada de bobagens. Entendido?

Assim que eles obedeceram e colocaram as lentes nas retinas, os sistemas da viatura ligaram automaticamente. As esteiras começaram a ranger e o V-22 se dirigiu para a rampa de saída.

O trânsito das ruas por onde ele tinha que passar já tinha sido interrompido, pois a gigantesca viatura ocupava as duas faixas. As pessoas das calçadas olhavam admiradas para o monstro que passava. A moça da artilharia, já de capacete, pôs a cabeça de fora de sua escotilha e observou a paisagem.

— Sem querer ser pessimista, mas por que a gente está indo morrer na periferia, comandante? – o piloto quis saber.

— Um jornalista desapareceu lá. A gente tem de ir atrás dele.

O moleque da robótica, que comia um chocolate, achou graça:

— Essa é boa! “Ele desapareceu lá”... e o que queriam que acontecesse? Alguém avisou pra ele que a periferia é perigosa? Será que essa besta nunca ligou a televisão pra assistir ao Jornal da Emissora?

— Ele é um repórter da Emissora.

A tripulação ouviu e ficou em silêncio, as cabeças sendo sacolejadas pelo rolar da viatura na rua. Algo muito estranho começava a ser farejado no ar.

As avenidas passavam.

— Aquele é o quarteirão da minha casa – comentou a moça da artilharia, já suspirando com nostalgia de estar viva – Adeus, mundo cruel... ei, ali no meio da rua tá o cachorro chato da minha vizinha que fica latindo a noite inteira!

Só de sacanagem o piloto deu uma acelerada.

— Valeu, cara! – a moça gritou contente depois que as 70 toneladas da viatura passaram em cima do cão – pelo menos esse infeliz agora está *realmente* chato.

Finalmente chegaram num dos portões blindados e eletrificados do gigantesco muro que envolvia todo o perímetro do Condomínio. O portão se abriu como uma boca cheia de fome que os iria engolir para o que existia além dos jardins do politicamente correto.

Além do intransponível muro a separar riqueza e pobreza, havia ainda um imenso campo minado em volta de todo o Condomínio – que cumpria muito bem seu papel de manter bem longe os monstros da periferia. Mas não havia perigo para a tripulação, já que as minas à frente da viatura eram desligadas automaticamente e posteriormente ligadas assim que ela passava.

— Tecnologia criada pela Emissora – comentou o agente de telecomunicações, com ar superior, referindo-se ao monitoramento via- satélite das minas – a Emissora também criou a tecnologia de nossas lentes de combate.

— Ah, é? – a moça da artilharia falou em tom irônico enquanto lixava as unhas – e, tipo, dá para assistir telenovelas da Emissora com essas malditas lentes?

— Não seja ignorante – o agente respondeu, ríspido.

— Desse jeito você vai morrer virgem – comentou o piloto, sorrindo – não é assim que se trata uma garota.

— Parem com isso – ordenou o comandante – ei garoto, envie um drone de reconhecimento para dar uma espiada no terreno à nossa frente.

O som oco de um pequeno míssil sendo disparado e o drone saiu de um dos tubos de lançamento da V-22.

— Hora de brincar de aviãozinho de controle remoto...

Imagens em tempo real eram enviadas para um dos monitores da viatura pelo drone conforme ele ia voando sobre a paisagem e vasculhando tudo com seus sensores.

— Não sei por que quis usar um drone para esse serviço, comandante. Por que não usou os satélites de observação da Emissora? – o moleque perguntou enquanto se divertia dirigindo o drone.

As imagens mostram uns objetos, talvez corpos, espalhados pelo campo minado.

— Tem certeza que estão mesmo mortos? – perguntou o agente de telecomunicações aterrorizado – talvez estejam apenas fingindo.

— Sossegue, irmão. Veja: só pedaços de corpos. As minas terrestres têm o péssimo hábito de explodir quando pisam em cima delas – comentou o moleque entre sorrisinhos.

— Pegue uma armadura de reconhecimento e vá dá uma olhada, filho! – disse o comandante.

— Nem fodendo! – gritou o moleque, assustado. Eles podem estar fingindo!

— Vá andando, antes que eu fique irritado – o comandante ordenou.

A tripulação olhou interrogativamente para o moleque da robótica, que sem outra alternativa, foi para o compartimento traseiro da viatura. Escolheu uma armadura de reconhecimento com propulsão.

— Essa é boa. Os malditos da periferia vão comer as minhas costelas como se fossem barras de chocolate e *ele* ainda fica irritado comigo!

— Ora, qual é, pivete! – a moça da artilharia comentou, sorrindo – Encontre alguns malditos moleques mutantes da periferia e jogue amarelinha com eles!

— Eu vou jogar amarelinha na sua bunda, filha da mãe – o moleque resmungou ofendido enquanto entrava na armadura de três metros de altura. A moça riu a valer:

— Qualquer coisa eu faço um fogo de barragem para lhe proteger, moleque.

— Pela última vez – a voz do moleque já saía através do megafone da armadura – eu não sou mais *moleque*!!

A doca traseira da viatura abriu e a armadura saiu voando. O sol já ia alto. O piloto cruzou os braços atrás da nuca, vendo a paisagem desértica através dos monitores:

— Ei, comandante, o que esse repórter da Emissora queria ver na periferia? Existem tantos lugares mais agradáveis para se ir nesse mundo idiota.

— Bem, eu não sei. Só sei que precisamos resgatá-lo.

— Odeio coisas misteriosas – comentou a moça da artilharia enquanto checava a munição do paiol – É tudo tão simples! É só tacar essas coisas nas cabeças dos monstros da periferia que tudo se resolve.

O agente de telecomunicações entrou em contato com o moleque, que pairava a poucos metros do solo

arenoso, levantando um torvelinho de areia escaldante.

— E aí moleque? O que está vendo?

— Só pedaços de corpos. Espere... acho que estou vendo um inteirão. Eu vou ter que me aproximar... droga, a armadura está levantando uma cortina de poeira... minha nossa senhora, olha só o tamanho dos dentes desse cara! Comandante, é a coisa mais bizarra que eu já vi, meu Deus... esse mutante deve ter menos de um metro de altura... parece ser um moleque... um menor de idade... mas a arcada dentária dele... que coisa horrível!... os dentes devem ter uns dez, vinte centímetros... a mandíbula é cheia de músculos vermelhos em carne viva, e é desproporcional, muito desproporcional... esse puto deve comer concreto como se fosse suspiro. Eu estou tentando ver, mas... a droga da nuvem de poeira... entrou areia nos meus olhos... vou ter que tirar as lentes de combate... meu, vocês deveriam ver o que eu estou vendo... droga, essas malditas lentes da Emissora deveriam servir para alguma coisa... droga... ei... o moleque mutante... ele...

A comunicação foi interrompida simultaneamente a uma explosão.

Os corações de toda tripulação se aceleraram.

— Avante, velocidade máxima!

A V-22 saiu em disparada como uma locomotiva desgovernada. Uma coluna de fumaça negra se erguia no horizonte.

Uma enorme cratera, e no meio dela dois mortos: o moleque do Condomínio e o moleque da periferia.

O terror desceu no meio da tripulação. O agente de telecomunicações ficou petrificado. O piloto praguejou. A moça da artilharia chorava baixinho, de cabeça baixa:

— Que horror... que mundo é esse em que um menino é assassinado?!

O piloto pensou por uns instantes e lançou um olhar crítico para ela:

— Refere-se ao nosso moleque?... Ou ao moleque mutante da periferia?

Mais silêncio.

O comandante analisou a situação com frieza:

— Com essa baixa, a viatura fica sem o operador de sistemas robóticos. Não quero forçá-los a ir de encontro à suas próprias mortes. O destino do moleque poderá ser o nosso. Aliás, *vai* ser o nosso.

— Sem essa, comandante, vamos até o fim! – o piloto disse e foi apoiado pela moça.

— Esses monstros da periferia são extremamente mortais – o agente de telecomunicações opinou – não sei... acho que devemos voltar...

A moça da artilharia tirou o capacete e o bateu violentamente na cabeça do agente:

— Diga isso de novo, seu nerd imbecil! E faço você voltar *a pé*, pelo campo minado!

Depois dessa primeira escaramuça, a viagem seguiu sem maiores problemas por longas horas. Mas a tensão aumentava a cada momento.

— Vamos ter que entrar na toca mais filha da puta da periferia; o Conjunto Habitacional. Vocês sabem que essas ruínas formam o maior labirinto do mundo, ideal para armarem emboscadas contra nós.

— O que será que aconteceu com o ... bem, aquela explosão... esses monstros da periferia não têm inteligência para manipular armas avançadas. Então, como foi que a armadura explodiu?

— Provavelmente o mutante estava se fingindo de morto e quando o moleque da robótica chegou perto, ele atacou. E então o monstro deve ter pisado numa das minas terrestres, e a explosão foi tão forte que atingiu a armadura do moleque – o comandante explicou.

— Mas as minas são controladas pela Emissora. E ela tem on-line a nossa posição geográfica através dos satélites. Por que então a Emissora não travou todas as minas que haviam ao redor do moleque da robótica? – o piloto perguntou. Ficou em silêncio e depois acrescentou – o que será que ele *viu* depois de tirar as lentes? Isso com certeza deve ter irritado os donos da Emissora.

Novamente silêncio. Depois de um tempo a moça da artilharia se aproximou do agente de telecomunicações:

— Escuta, sabidão... você é o nerd daqui. Explica o que são esses monstros da periferia.

— Eles são um exemplo de seleção natural. Eles se adaptaram perfeitamente à pobreza e à ignorância, e são perfeitamente felizes com isso. Desenvolveram mandíbulas capazes de mastigar concreto, aço, tudo enfim que encontram pela frente. Eles não têm individualidade, e vivem nesse Conjunto Habitacional como cupins num cupinzeiro. Não têm qualquer sensibilidade ou sequer têm alma. Esses monstros da periferia não são seres humanos. São monstros. Não devemos ter pena.

O comandante ordenou ao piloto frear a viatura. Um solavanco na areia e a V-22 estancou. O vento varria as dunas. O comandante passou a mão no rosto suado:

— Escutem, eu sei que todos nessa tripulação estão acostumados ao policiamento politicamente correto nas ruas ecológicas e recicláveis do Condomínio Fechado. Até agora vocês ajudaram adoráveis velhinhas a atravessar a rua e coisas do tipo. Mas não alimentem ilusões. O agente de telecomunicações tem razão: estamos entrando num sistema totalmente alheio à civilização que conhecemos – ele colocou um disco numa unidade de leitura e um filme começou a passar em todas as telas da viatura – Vejam, é isso o que aconteceu à última missão que foi resgatar o repórter.

A tripulação assistiu, atônita, ao filme. Uma viatura V-22 encurralada numa rua cheia de escombros. Os policiais saem desesperados, atirando seus fuzis de plasma contra obscuras e fugidias criaturas que moram nos prédios do Conjunto Habitacional. Mas são centenas, milhares delas. Como insetos elas atacam e começam a devorar rapidamente e em gigantescas bocadas todos os policiais; alguns dos quais ainda estão relativamente conscientes enquanto são destroçados em grandes pedaços de carne e ossos. Mas não satisfeitos, os mutantes investem contra a viatura e passam também a mastigá-la com suas poderosas mandíbulas, como a afirmar que tudo era naturalmente comestível para eles.

A tripulação do comandante assiste a toda a chacina espantada.

Alguns minutos depois e não restava mais nada da missão. Os monstros da periferia destruíram tudo.

— Alguém tem alguma pergunta? – perguntou desafiadoramente o comandante. Mas por incrível por pareça foi o agente de telecomunicações quem levantou a seguinte dúvida:

— Comandante, quem filmou isso?

O comandante olhou para o agente de telecomunicações com espanto, como quem diz: “É mesmo! Quem filmou isso?!” Se fosse o caso de terem sido usadas as imagens das lentes de combate dos policiais que estavam sendo devorados, o filme se daria em primeira pessoa. Mas a ação se passa em terceira pessoa, então é razoável supor que existisse um cinegrafista ali por perto. Ou isso ou então tudo era um efeito digital. Principalmente a parte em que os mutantes comem o veículo blindado. Era inverossímil demais, ainda que fosse muito real. E se isso tivesse sido criado digitalmente, por que então outras imagens tomadas como provas, como fatos consumados, não poderiam ter sido forjadas? As mentes da tripulação se enchiam de dúvidas a medida que o veículo ia avançando.

— Porra, será que o filho da puta do repórter da Emissora está por trás disso? – exclamou o piloto – será que a gente tá indo morrer para que eles tenham um furo de reportagem?...

Uma indignação tomou conta de todos.

— A isca perfeita... e caímos como patos... ah, mas esse repórter não perde por esperar... – a moça da artilharia teceu essa frase entremeando um suave e negro gosto de vingança – Comandante, posso lançar todos os mísseis disponíveis à bordo contra esse maldito Conjunto Habitacional?

O comandante pensou.

— Bem, isso quase seria decretar o fracasso da missão, já que se o repórter estiver na zona de ataque, vai ser morto... escutem, tudo isso que foi levantado são apenas suposições; não temos provas para incriminar ninguém. Por outro lado... ok, dispare tudo o que temos.

A moça voltou ao seu posto de artilheira. O interior do V-22 foi inundado por uma iluminação vermelha de ataque. O rosto da moça era colorido por diversos sistemas luminosos de mira. Um enorme capô foi aberto no teto da V-22, como se fosse um painel solar. Uma série de sons mecânicos e os vários casulos onde os mísseis ficavam armazenados foram expostos e apontados para cima. Um momento de silêncio absoluto se fez. E então começaram os disparos.

Cinquenta mísseis hipersônicos de alto explosivo foram disparados. Imediatamente o solo começou a se sacudir como que atingido por um terremoto; eram os mísseis atingindo seus objetivos.

O comandante abriu sua escotilha e pôs a cabeça para fora; um silêncio ameaçador veio do distante Conjunto Habitacional depois do ribombar da última explosão. Enormes, monstruosas colunas de fumaça preta e gordurosa se ergueram.

— Avante! – gritou o comandante. A moça da artilharia também colocou a cabeça para fora de sua escotilha. As esteiras levantavam enormes nuvens de poeira. Agora os estragos já eram mais visíveis; uma área quilométrica do Conjunto Habitacional havia sido simplesmente pulverizada pelos mísseis hipersônicos; somente um ataque nuclear tático poderia fazer estrago pior. Mas apesar de imensa, não era nem um por cento do emaranhado caótico formado pelos prédios miseráveis; eles – alguns inteiros, outros feitos em escombros – faziam com suas paredes cobertas de fuligem cinza escura um labirinto aterrador.

Os primeiros vestígios de ruas já eram discerníveis.

— Comandante, acho que as ruas são estreitas demais para a V-22. - O que eu faço?

O comandante pensou.

—Desçam e me sigam!

— O quê?! Está completamente louco!! Quer que a gente saia da viatura?! – o agente de telecomunicações berrou.

— Pelo menos poderemos usar as armaduras, não é, comandante? – a moça ponderou. Até ela teve receio de sair da V-22 de mãos vazias.

— Escutem; é isso o que eles querem que a gente faça: entrar com a V-22 nessas ruas estreitas. Em

algum lugar eles já devem ter preparado uma armadilha para bloquear a passagem da viatura com escombros. Peguem seus coletes e seus rifles de plasma. E não esqueçam de usar as lentes de combate.

— Eu não saio dessa maldita viatura nem que me pague! Pode ir tirando o cavalinho da chuva! – o agente berrou.

— Pois fique aqui e morra do mesmo jeito – o piloto comentou com naturalidade enquanto vestia seu colete – você mesmo viu: para os mutantes, essa viatura não passa de uma imenso e delicioso bombom recheado.

Sem outro remédio, o agente acabou acatando as ordens. A tripulação totalmente equipada saltou do V-22 e começou a caminhar pela paisagem desolada. O rosto do comandante estava congestionado por dúvidas.

— Os seus mísseis fizeram um mesmo um bom trabalho, moça – disse o piloto, quando todos já caminhavam pela terra calcinada dos prédios que foram desintegrados pelas explosões – ainda bem que, como o nosso amigo agente diz, só mora monstro na periferia. Se houvesse um único ser humano aqui quando os mísseis caíram, eu jamais dormiria em paz.

— Cale a boca e vá se foder – ela disse com mau humor.

Eles finalmente adentraram no meio dos prédios, onde na névoa que os envolvia somente se respirava pobreza.

— Lembrem-me de dar minha festa de aniversário aqui – o piloto comentou nervoso, olhando apreensivamente para as janelas escuras dos prédios. Todos suavam e olhavam para todos os lados, rifles nas mãos nervosas e suadas.

— Acham que a outra tripulação sofreu muito quando foi devorada viva? – o agente de telecomunicações perguntou mergulhado no medo.

— Repita isso, e *eu mesmo* mato você – o comandante murmurou olhando com atenção para as janelas.

Assim que eles dobraram uma esquina deram de cara com um monstro. O agente de telecomunicações olhou para ele e ele olhou para o agente, com suas presas capazes de mastigar cimento. O agente ficou paralisado de pavor; sua arma caiu no chão.

— Saia da frente, cara! – a moça disse enquanto tentava fazer mira no mutante. O agente nem se moveu.

— Saia da frente! Saia da frente!

O mutante se aproximou do agente, a saliva escorrendo pelas presas.

— Saia da frente!

O agente continuou estupidamente parado. A moça da artilharia apertou o gatilho do seu rifle de plasma. O jato de plasma de milhares de graus Celsius atravessou as costas do agente e atingiu a cabeça do mutante. Os dois corpos sem vida tombaram quase ao mesmo tempo.

Então centenas de cabeças de mutantes apareceram nas janelas dos prédios para ver o que tinha acontecido. Ao verem o corpo do monstro morto, um pavoroso urro de indignação ribombou pelas ruas.

— Vamos dar o fora daqui! – o comandante gritou.

Eles começaram a correr. Vários monstros saíram atrás deles, como uma horda enfurecida de canibais. Mas a impressão que se tinha era que queriam linchar os policiais, e não devorá-los. Entretanto, para o obscuro cinegrafista da Emissora que filmava discretamente toda a perseguição, a história a ser contada – depois de ser previamente editada – seria outra...

—Atirem! Atirem! – a moça gritava sem fôlego, atirando para trás. O comandante e o piloto seguiam seu exemplo, mas sem parar de correr. Incontáveis mutantes eram mortos, mas uma verdadeira multidão corria atrás deles.

Não havia esperança de fuga.

— Piloto, me ajude a cobrir a fuga da moça!

Eles de repente ficaram parados atirando na multidão que se aproximava. A moça olhou interrogativamente para os companheiros, mas eles lhe gritaram:

— Fuja!

Ela relutantemente obedeceu. Para correr mais rápido jogou fora o colete e a arma. Entrou em becos escuros; foi se embrenhando cada vez mais no Conjunto Habitacional. Até que ninguém mais a perseguia. Ela parou, encostou-se a um poste e começou a respirar com dificuldade de olhos fechados.

Ao abri-los novamente, gritou:

— Não!

Havia um mutante bem diante dela. Ele se aproximou, e com sua monstruosa arcada dentária sorriu:

— Sossegue, moça. O que está vendo?

Ela não acreditou que um monstro da periferia pudesse falar. Mas respondeu a ele:

— Monstros. Monstros por todo o lado!!

— Experimente ver o mundo sem as lentes da Emissora que você usa nos olhos.

Ela obedeceu e tirou as lentes de combate.

— E então, o que vê?

Ela olhou ao redor. O susto que ela tomou foi o maior de sua vida.

— Meu Deus, vejo um ser humano!

— Sim, exatamente isso. Seres humanos, e não monstros, moram na periferia.

A moça olhou para trás, sacudindo a cabeça sem acreditar:

— Então até agora a gente estava matando inocentes...

E se sentou na calçada. Crianças, velhos, mulheres e doentes colocavam a cabeça para fora das janelas, com receio da policial.

Ela continuou sentada, incrédula. Aos poucos as pessoas voltaram a circular nas ruas miseráveis.

E anoiteceu. E amanheceu. E as bombas continuaram caindo sobre populações inocentes do mundo inteiro, e a polícia continuou agindo com arbitrariedade contra as pessoas pobres – que aliás continuaram sendo vistas como monstros. E a Emissora continuou forjando fatos e escondendo evidências ao sabor de seus interesses, manipulando digitalmente o mundo através de suas lentes e apresentando de forma distorcida ao público do Condomínio Fechado – que por sua vez talvez nem precisassem da manipulação da Emissora, pois já viviam num mundo distorcido pelos próprios filtros preconceituosos que tinham nos olhos.

FIM

mas...

ATOS dos Apóstolos capítulo 9

“E Saulo, respirando ainda ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote, e pediu-lhe cartas para Damasco para as Sinagogas, a fim de que, se encontrasse alguns daquela seita, quer homens quer mulheres, os conduzisse presos à Jerusalém. E indo no

*caminho, aconteceu que, chegando perto de Damasco, subitamente o
cercou um resplendor de luz no céu. E caindo em terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por
que me persegues? (...) E logo lhe caíram dos olhos como que umas escamas, e recuperou a vista”.*